

OUVINDO MENINOS: RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

LISTENING TO BOYS: GENDER RELATIONS IN CHILDREN'S EDUCATION

Fernanda Ferrari RUIS¹
Marcia Cristina Argenti PEREZ²

RESUMO: Compreendendo gênero como uma construção social e a criança como um sujeito ativo, capaz e dotado de potencialidades, o presente estudo objetivou apreender as representações de gênero reveladas por dois meninos no contexto da Educação Infantil. Foram adotadas estratégias de investigação de abordagem qualitativa como a observação participante e um momento de intervenção denominado hora lúdica. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo. A pesquisa revelou que os meninos nem sempre fazem ou brincam do que os adultos esperam ou querem que eles realmente façam. A investigação nos possibilitou enxergar diferentes formas de ser menino, ampliando o nosso conhecimento acerca das relações de gênero na infância.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Educação Infantil. Meninos.

ABSTRACT: *Understanding gender as a social construction and the child as an active subject, capable and endowed with potentials, this study aimed at understanding the representations of gender revealed by two boys in the context of early childhood education. This qualitative research strategies such as participant observation and a moment of intervention called playful time were adopted. Data were analyzed using content analysis. The survey revealed that the boys do not always do or play what adults expect or want them to actually do. The research allows us to see different ways of being a boy, expanding our knowledge of gender relations in childhood.*

KEYWORDS: *Gender. Child Education. Boys.*

Introdução

Estamos constantemente sendo ensinados a ser menino ou a ser menina, a ser homem ou a ser mulher. Esses processos são decorrentes dos discursos hegemônicos oriundos dos diversos agentes de socialização. Essas padronizações, muitas vezes, nos leva a acreditar na existência de uma única forma de ser menino, de ser homem, e em uma única forma de ser

¹ Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara – SP – Brasil. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual. E-mail: ferferrariuis@gmail.com.

² Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara – SP – Brasil. Professora do Departamento de Psicologia da Educação. E-mail: marciacap@fclar.unesp.br.

menina, de ser mulher, bem como em uma única forma de vivenciar a sexualidade. Em vista disto, qualquer modo diferente de ser, que não seja condizente com esses padrões, é considerado como anormal, problemático, como um “caso” ou mesmo como patológico.

A família, a escola, os meios de comunicação, enfim, os diferentes agentes de socialização, reproduzem e acabam por reforçar as idealizações de feminino e de masculino, demonstrando certa dificuldade em abranger ou aceitar a diversidade das identidades de gênero.

Antes mesmo do nascimento, a sexualidade e, concomitantemente, as identidades de gênero, têm início e são constituídas, a princípio, no bojo familiar, por meio dos seus valores, pudores, conceitos e relações interpessoais (SILVEIRA, 2010). Em seguida, recebem influências das mais diversas instâncias sociais, entre elas, a mídia televisiva e a escola.

De acordo com Guizzo (2005), as propagandas televisivas e demais anúncios imagéticos, além de objetivarem a venda dos produtos, buscam vender estilos de vida, apresentam padrões e uma visão de mundo socialmente desejáveis. Tais padrões são, muitas vezes, incorporados pelas crianças que, considerando-os como atributos naturais do ser humano, aprendem desde tenra idade modos idealizados de ser menina e de ser menino.

Contudo, não podemos desconsiderar o fato de que as crianças são indivíduos ativos e, por isso, participam do processo de constituição de suas identidades. Conforme o enfoque da Psicologia Histórico-Cultural, a criança, por meio de suas interações e relações sociais, se apropria do patrimônio historicamente acumulado e assim, das diferentes regras, valores e costumes.

Neste sentido, acreditamos que a instituição de Educação Infantil, em especial, por se tratar de um espaço coletivo voltado a educação e ao convívio de crianças pequenas, deve ser um ambiente propício para que se estabeleçam reflexões acerca do respeito à diversidade, bem como para favorecer as diferentes infâncias (FINCO, 2013).

Todavia, a escola muitas vezes reforça os estereótipos femininos e masculinos, os quais corroboram para a perpetuação do preconceito e do sexismo. A dicotomia homem e mulher, cada vez mais presente e precoce em nossa sociedade, exerce um papel significativo no modo como as crianças são educadas.

Estamos vivendo um tempo marcado pela existência de uma diversidade de identidades; faz-se necessário nos atentarmos a isso (LOURO, 2008). Nesta perspectiva, discorrer acerca das diferentes formas de ser menino, assunto sobre o qual nos dedicamos neste estudo, é essencial para romper as dicotomias e padronizações feitas pela mídia, pela escola e pela sociedade em geral.

Sobre o conceito de gênero

Embora o conceito de gênero seja amplo e utilizado por diferentes autores/as e estudiosos/as das mais diversas áreas, nesta investigação, nos apoiamos no conceito de gênero apresentado nos estudos de Joan Scott (1995). Essa pesquisadora reforça que o uso do termo gênero é recente e que apareceu entre as feministas americanas “[...] que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo.” (SCOTT, 1995, p.72). A utilização deste termo marcou uma rejeição ao determinismo biológico implícito na palavra sexo. Deste modo, pretendia-se demonstrar que as diferenças entre homens e mulheres não eram naturais, mas eram constituídas em um processo histórico, social, cultural e político.

Portanto, a sexualidade e o gênero não se limitam apenas às representações que as associam aos órgãos genitais; elas permeiam o pensamento e o sentimento, estão presentes no corpo, no olhar, no toque, na libido, nas mais diversas formas de relações entre os sujeitos. Assim, abrangem o corpo como um todo e se manifestam e se constituem no decorrer da vida.

Consideramos o gênero como uma condição social pela qual os indivíduos são identificados como homens e mulheres, e a sexualidade como a forma cultural pela qual os sujeitos vivem seus desejos e prazeres corporais. Dessa forma, sexualidade e gênero estão intrinsecamente vinculados (FINCO, 2013).

Gênero e Educação Infantil: uma articulação necessária

A Educação Infantil corresponde à primeira experiência discente da criança, bem como ao início do seu processo de aprendizagem social, ao conviver pela primeira vez num grupo social mais amplo, em uma instituição com características distintas das do meio familiar (FINCO, 2010; VIANNA; FINCO, 2009,).

Vale ressaltar que a pré-escola não é um ambiente neutro, uma vez que, as práticas pedagógicas corroboram para que as identidades sexuais e de gênero esperadas para cada sexo sejam assimiladas pelos/as os/as alunos/as.

Nesse sentido, a introjeção de padrões considerados adequados a meninas e meninos por meio de normas, rotinas, usos do tempo e do espaço escolar é vista como algo natural, sendo tão pouco questionada, colaborando para que as práticas e comportamentos sexistas sejam difundidas e cristalizadas no interior das escolas.

Em algumas situações a separação entre os gêneros acontece espontaneamente, quando a professora ou professor não reflete sobre sua influência nas relações de meninas e meninos, organizando brincadeiras ou atividades de forma a favorecer o sexismo.

A escolha dos brinquedos também perpassa as questões de gênero e são influenciadas pela maneira como os adultos disponibilizam e dirigem os brinquedos às crianças. É muito frequente meninos e meninas, em suas brincadeiras demonstrarem comportamentos não apropriados para seu sexo, o que causa preocupação e dúvidas para os/as profissionais da Educação Infantil (FINCO, 2010, 2004).

O corpo docente, por sua vez, em determinadas situações, se sente despreparado para lidar com as relações expressas pelas crianças, na maioria das vezes, pelo fato de que não teve uma formação específica para isso.

É necessário haver, por parte do/a professor/a, uma compreensão de que é a partir de discursos, atitudes, do dito e não dito que perpassam as relações sociais, que as representações sexuais e de gênero são construídas e reconstruídas. Sendo o seu trabalho de extrema importância nessa construção. É importante ressaltar que tal papel cabe a toda a escola enquanto responsável pela educação e cuidado diário de seus alunos e alunas.

O espaço escolar também consiste em um importante meio de promoção da diferença entre meninos e meninas. Finco (2010) ressalta que os banheiros são espaços de simbologias para a investigação das relações de gênero e sexualidade no contexto escolar. “A arquitetura, o planejamento e os usos dos banheiros sugerem reflexões que articulam gênero, sexualidade, corpo e educação.” (FINCO, 2010, p. 120).

Assim, é imprescindível refletir sobre as práticas e mecanismos presentes na educação de meninos e meninas, adotados para a introjeção de conceitos e modelos relacionados ao gênero, bem como, de que forma as diferenças de gênero são inscritas em seus corpos, como normatizam, regulam e controlam seus comportamentos, atitudes, etc.

A vida cotidiana é perpassada por diversas situações nas quais homens e mulheres adultos/as impõem aos meninos e meninas determinados padrões, comportamentos e regras sociais esperados para cada sexo, levando as crianças a atingirem expectativas, surgindo a necessidade de serem aprovadas e socialmente aceitas pelo mundo adulto (SOUZA, 2007; FINCO, 2010, 2004).

Por isso, consideramos de fundamental importância a realização de pesquisas abrangendo as questões de gênero na infância como forma de contribuir para que os conhecimentos trabalhados nas instituições pré-escolares estejam adequados à realidade e às necessidades das crianças.

Tendo em vista essas premissas e partindo do pressuposto de criança como indivíduo capaz, produtor de cultura, ativo e crítico de seu tempo, o nosso objetivo consistiu em apreender as representações de gênero reveladas por dois meninos em suas interações no ambiente da Educação Infantil, em situações lúdicas propostas e previamente planejadas pela pesquisadora.

O caminho percorrido

No tocante a metodologia, optamos por utilizar estratégias de investigação de abordagem qualitativa para a coleta de dados.

A pesquisa de natureza qualitativa, na concepção de Lüdke e André (1986), tem como fonte direta de dados o ambiente natural, sendo o/a pesquisador/a o/a principal mobilizador/a.

Destarte, procuramos dar voz aos meninos, para tanto, criamos algumas estratégias metodológicas que nos permitiram uma aproximação e apreensão de suas concepções e manifestações com relação às questões de gênero. Tomamos como base algumas pesquisas realizadas que apresentam diferentes visões de criança e infância e que fizeram uso de estratégias adequadas aos/as participantes (COSTA, 2004; FINCO, 2010; GUIZZO, 2011, 2005; PRADO, 2006).

Os procedimentos metodológicos eleitos foram a observação participante, os registros em diário de campo, bem como um momento de escuta dos meninos o qual denominamos como hora lúdica, uma vez que, por meio da brincadeira com massa de modelar, da conversa baseada em um roteiro semiestruturado e do desenho, eles puderam expressar suas concepções e preferências referentes às questões de gênero.

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal de Educação Infantil, localizada em uma cidade do interior paulista. Participaram do estudo dois meninos, ambos com cinco anos de idade. Destacamos que ao longo do estudo adotamos uma postura ética, preservando a identidade dos sujeitos envolvidos e garantindo o anonimato da instituição.

Para análise e interpretação dos dados foram elencadas as categorias que se apresentaram, fundamentando-se na técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977).

Entre o desejo e a norma: a voz dos meninos

Por meio da hora lúdica, realizada no ambiente da brinquedoteca, os meninos expressaram suas preferências, desejos e angústias. A seguir, apresentamos brevemente os garotos pesquisados e traçamos uma análise a partir de suas falas.

Murilo, o menino que brinca com bonecas

Murilo morava com sua mãe, seu pai e uma irmã mais velha em uma casa alugada, em um bairro próximo a escola. A família passava por dificuldades financeiras, o que obrigava o pai e a mãe de Murilo a trabalharem o dia todo fora de casa, sendo que o menino ficava sob os cuidados de sua irmã quando não estava na escola. Desse modo, o aluno relatou que nos momentos em que ficava em sua casa gostava de brincar de casinha na companhia de sua irmã. Em sua fala revelou que ele e a irmã costumam ajudar a mãe nos afazeres domésticos como lavar a louça.

Acerca dos brinquedos de sua casa que mais gosta de brincar, Murilo ressaltou o seu gosto pelas bonecas:

Eu falo a verdade tia [sorrindo]. Sabe qual o brinquedo que eu mais gostava? Boneca! [falou sorrindo, envergonhado – ficou com as bochechas rosadas]. Meu pai quando ele via boneca, ele ficava assustado [sorrindo]. [...] porque ele não gostava que eu brincava de boneca. [...] ele, ele, sabe o que ele faz com a boneca? Ele, ele pega a boneca com... [confuso] ele sabe o que ele faz com a boneca? Pega a boneca e joga na lixeira. [...] depois sabe o que eu faço? Eu abro a boca de chorar! (Murilo).

Diante da situação apresentada pelo menino, conversamos acerca do motivo pelo qual o seu pai lhe proibira de brincar com bonecas. Murilo não apontou um motivo claro de seu pai, não apontou uma explicação plausível. O argumento de seu pai, segundo Murilo, é: “eu não posso” (Murilo).

Na fala de Murilo percebemos todo o seu sofrimento uma vez que, em sua casa não tem a permissão para brincar com bonecas. No entanto, na escola, nos momentos de brincadeira livre, sem intervenções do/a professor/a, o menino costumava brincar com as bonecas junto das meninas e alguns meninos de sua turma.

Murilo destacou ainda que gostava de brincar no parque de areia da escola. Durante o período de observação, percebemos que o menino costumava de brincar de faz de conta no parque, na companhia de seus amigos e amigas, assumindo diferentes papéis como pirata, príncipe e diferentes animais.

“Homem não brinca de boneca”: Henrique

Henrique era um menino extremamente tímido e reservado, demonstrava interesse por atividades e brincadeiras menos agitadas. Era o filho mais novo de uma família composta por três filhas e dois filhos. Ele morava com a mãe e o pai, as irmãs, o irmão em uma casa própria localizada num bairro próximo à escola. Henrique revelou que quando não está na escola, o que mais gosta de fazer é brincar. “*Brincar. [...] hum... (pensativo) de carrinho. [...] e girafa; dinossauro; elefante; carrinho de controle remoto; carrocinha; caminhonete.*” (Henrique).

Na escola, o menino revelou que gosta de brincar de casinha na companhia de Murilo e também de casinha de boneca com seus amigos e amigas. “*Hum... [pensativo] de casinha. Casinha de boneca*” (Henrique). No entanto, após afirmar o gosto por brincar de casinha de boneca, responde novamente: “*Casinha sim! [...] Porque homem não brinca de boneca!*” (Henrique). Ao ser questionado sobre sua colocação a respeito de homem não brincar com bonecas, prontamente afirmou: “*Porque... é homem!*” (Henrique).

Percebemos na fala de Henrique a preocupação em assumir que gosta de brincar com bonecas, provavelmente pelo temor de ser julgado como um desejo inadequado para meninos.

Conforme Finco (2013), a partir de aspectos biológicos, as sociedades modernas ocidentais estabeleceram atributos considerados “normais” de masculinidade e feminilidade. Essa normalização da dicotomia entre homens e mulheres acarretou em uma forma de pensar na qual há um jeito de ser masculino e um jeito de ser feminino: “[...] há comportamentos, falas, gestos, posturas físicas, além de atividades e funções que são entendidas como adequadas, ‘naturais’ e apropriadas para as mulheres ou para os homens, sendo características percebidas como uma extensão da ‘natureza’ de cada sexo.” (FINCO, 2013, p. 7).

O brincar aparece nas falas dos meninos como a atividade preferida e mais prazerosa. Neste sentido, Finco (2010), aponta que a brincadeira, além de ser necessária a criança, colabora para a sua formação como sujeito autônomo, participativo, criativo e crítico dentro de sua cultura. Para esta estudiosa, “[...] compreender e respeitar as escolhas das crianças é fundamental para que, entre professores/as e crianças, haja uma relação horizontal, não adultocêntrica.” (FINCO, 2010, p.135).

O brincar e as relações de gênero também são revelados nos desenhos feitos pelos meninos, por meio de seus traços, cores, formas e através de suas falas.

Figura 1: Casinha e boneca.



Fonte: Desenho realizado por Murilo, 5 anos.

Murilo representou por meio de desenhos a boneca e a casinha como suas brincadeiras preferidas. O aluno ressaltou que desenhou a boneca com cabelos longos e coloridos porque gosta muito de pentear e manusear cabelos. Além disso, revelou que desenhou a casa na cor rosa, pois gosta da boneca Barbie. Contou que costuma brincar de casinha e de boneca na companhia de sua amiga Elis e de seu amigo Henrique, assumindo diferentes papéis como filho, papai e cabeleireiro.

Figura 2: Escolinha.



Fonte: Desenho realizado por Henrique, 5 anos.

Ao expor o seu desenho, Henrique revelou que gosta de brincar de escolinha, em sua casa, sozinho ou na companhia de suas irmãs e irmãos. Afirmou que costuma desempenhar o papel de professor durante a brincadeira. Demonstrou que gosta da escola, dos parques da instituição, de modo que considera o espaço colorido e com muitos brinquedos. O menino ressaltou o seu gosto em brincar de casinha, outra brincadeira de sua preferência.

Os desenhos dos meninos somados as suas falas acerca dos mesmos e de suas brincadeiras preferidas, apontam algumas mudanças nas relações mantidas entre meninos e meninas. Seus relatos e produções nos revelam que eles desejam e brincam de escolinha, boneca e casinha.

Ao analisarmos as narrativas dos meninos, percebemos que demonstram diferentes formas de brincar. É possível identificar que nem sempre as crianças estão fazendo ou brincando daquilo que os/as adultos esperam ou querem que elas realmente façam. As crianças encontram brechas em momentos de brincadeira livre para expressarem seus desejos e curiosidades. Invertem papéis, brincam, criam e fantasiam.

E ainda, as falas dos meninos investigados nos remete a concepção de que a escola, apesar das tentativas de imposição de padrões sociais, se mostra como um espaço de transgressões, de contato e convívio com o/a outro/a, um espaço que permite aos alunos experimentar novas formas de ser menino, diferente do que acontece no espaço do lar. Os pequenos relataram que costumam brincar de formas diferenciadas quando estão em casa ou fora da escola.

Talvez isso aconteça para que correspondam às expectativas de seus pais e/ou responsáveis ou mesmo pela falta de opção de brinquedos e brincadeiras que lhes permitam novas experiências, como no caso de Murilo, que, no ambiente familiar, na presença de seu pai, é impedido de brincar com bonecas. Por isso, quando questionadas sobre o espaço escolar, as crianças revelaram formas de brincar que ultrapassam as barreiras de gênero.

Em seus relatos, os meninos demonstram que brincam com o que desejam, superando as fronteiras dos padrões socialmente estabelecidos e esperados. Algo que observamos com frequência durante o período em que estivemos em campo. Nos momentos de brincadeira livre como no parque ou com os brinquedos em sala de aula, momentos em que a professora e o professor não intervinham nas brincadeiras, os garotos brincavam entre meninos e meninas, indistintamente, brincavam entre grupos de meninos e meninas e grupos de meninos e também brincavam sozinhos. As brincadeiras costumavam ser variadas como: fazendinha, farmácia, supermercado, castelo encantado, hospital, navio pirata, casinha.

Brincavam com diferentes brinquedos: bonecas, secador de cabelo, carrinho, panelinhas, mamadeira, trenzinhos, caminhãozinho, animalzinho, bichos de pelúcia... Compartilhavam e representavam diferentes papéis.

Brincando, esses dois meninos, junto de seus/as amigos/as de turma, experimentavam diferentes formas de ser. Por meio do faz de conta e do jogo de papéis, brincavam de ser mãe, pai, filha, filho, tia, tio, madrinha, vovô, vovó, príncipe, princesa, ter cabelos compridos, médica/o, monstro, professor/a, secretário/a.

Contudo, os meninos pesquisados revelaram que sofrem com os preconceitos e com as influências de expectativas dos adultos esperadas para cada sexo. Dessa forma, na fala de Henrique percebemos contradições, uma vez que demonstra que gosta de brincar com bonecas e de casinha na companhia de seu amigo Murilo. No entanto, em seguida, revela que não brinca com bonecas, pois não é uma brincadeira considerada masculina. A fala do aluno transparece o conflito sofrido, ou seja, a divisão entre o desejo de brincar com bonecas e os estereótipos de gênero que são sutilmente impostos.

Considerações finais

Ao nos propormos à tarefa de pesquisar as concepções de crianças acerca das relações de gênero no contexto da Educação Infantil, percebemos que este era um caminho pouco percorrido no sentido de discussões e estudos, no entanto, atual e extremamente rico de novas contribuições.

Ao voltarmos o nosso olhar para as construções das identidades de gênero de meninos, vivenciadas no espaço público e coletivo da pré-escola, nos foram reveladas diferentes formas de ser, além de momentos de conflitos, escolhas e desejos.

Destarte, essa pesquisa nos mostrou uma instituição de Educação Infantil marcada pela diversidade. Assim, nos deparamos com episódios carregados de tristezas e profundas angústias, como o caso do menino que gostava de brincar com bonecas, mas que sofria os impedimentos de seu pai, encontrando na escola as brechas para satisfazer seus desejos.

Por fim, o nosso desafio em tentar compreender as diferentes formas de ser menino ampliou o nosso conhecimento acerca das relações de gênero na infância e no contexto da Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70, 1977.

COSTA, A. **Cenas de meninas e meninos no cotidiano institucional da educação infantil**: um estudo sobre as relações de gênero. 2004. 155f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/87762/206266.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

FINCO, D. Os perigos da naturalização das relações sociais na educação infantil. **Revista Pátio**: educação infantil, n.36, p.4-7, 2013. Disponível em: <<http://loja.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/9144/os-perigos-da-naturalizacao-das-relacoes-sociais-na-educacao-infantil.aspx>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

FINCO, D. **Educação infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças**: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero. 2010. 216f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20042010-135714/pt-br.php>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

FINCO, D. **Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem, mulher com mulher**: relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na pré-escola. 2004. 173f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

GUIZZO, B. S. **“Aquele negrão me chamou de leitão”**: representações e práticas corporais de embelezamento na educação infantil. 2011. 191f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/28820/000772697.pdf?sequence=>>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

GUIZZO, B. S. **Identidades de gênero e propagandas televisivas**: um estudo no contexto da educação infantil. 2005. 157f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/4519/000457467.pdf?sequence=>>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v.19, n.2(56), p.17-23, maio/ago.2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2013.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

PRADO, P. D. **Contrariando a idade**: condição infantil e relações etárias entre crianças pequenas da educação infantil. 2006. 285f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-99, 1995.

SILVEIRA, J. M. **Manifestações da sexualidade da criança na educação infantil: estranhamentos e desafios.** 2010. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/1259/1/JENNIFER%20MARTINS%20SILVEIRA.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

SOUZA, M. C. B. R. **A concepção de criança para o enfoque histórico-cultural.** 2007. 165f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/souza_mcbr_dr_mar.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2017.

VIANNA, C.; FINCO, D. Meninas e meninos na educação infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.33, p.265-283, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n33/10.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

Como referenciar este artigo

RUIS, Fernanda Ferrari.; PEREZ, Marcia Cristina Argenti. Ouvindo meninos: relações de gênero na educação infantil. **Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ.**, Araraquara, v.19, n.2, p. 283-294, jul./dez. 2017. e-ISSN: 2594-8385.

Submetido em: 17/02/2017

Aprovado em: 19/04/2017